

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

PAULA BORGES NASCIMENTO

DO DIREITO À PEDAGOGIA: RESIGNIFICANDO SONHOS E SABERES

Uberlândia – MG

2025

PAULA BORGES NASCIMENTO

DO DIREITO À PEDAGOGIA: RESSIGNIFICANDO SONHOS E SABERES

Memorial/TCC apresentado à Universidade Federal de Uberlândia, no curso de Pedagogia da Faculdade de Educação, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Armindo Quillici Neto

Uberlândia – MG

2025

PAULA BORGES NASCIMENTO

DO DIREITO À PEDAGOGIA: RESIGNIFICANDO SONHOS E SABERES

Memorial/TCC apresentado à Universidade Federal de Uberlândia, no curso de Pedagogia da Faculdade de Educação, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Armindo Quillici Neto

Uberlândia, 18 de junho de 2025.

Prof. Dr. Armindo Quillici Neto
Universidade Federal de Uberlândia

Profa. Lilian Calaça da Silva
Universidade Federal de Uberlândia

Aos meus pais, que me incentivaram a iniciar uma nova graduação. Obrigada por sempre acreditarem no meu potencial e por me impulsionarem a trilhar novos caminhos. Esta conquista também é de vocês!

AGRADECIMENTOS

Quero iniciar os agradecimentos ressaltando a importância do incentivo que recebi de toda minha família a não desistir do curso. Eles são minha base e fonte de amor, que me sustentaram durante toda essa caminhada acadêmica.

Ao meu pai, Paulo, e à minha mãe, Flávia, meu agradecimento por sempre acreditarem em mim e por nunca medirem esforços para me ver realizar meus sonhos. O apoio, os conselhos e o exemplo de vocês foram essenciais para que eu chegassem até aqui.

À minha irmã, Lais, obrigada por estar sempre ao meu lado, oferecendo palavras de incentivo e amizade.

Ao meu esposo, Leandro, obrigada por sua paciência, por ser meu apoio e por me incentivar a buscar o melhor para minha carreira profissional.

À minha filha, Luísa, razão maior de tantas escolhas, e ao meu sobrinho, Francisco. Que vocês cresçam sabendo que a educação é um caminho de transformação e que este diploma é, sobretudo, uma promessa de um futuro melhor, para mim, para vocês e para todas as crianças com as quais espero compartilhar saberes.

Aos professores do curso de Pedagogia, meu sincero reconhecimento. Todos contribuíram muito para minha formação, não só acadêmica, mas também humana. Obrigada por compartilharem com tanto compromisso os saberes que agora levo comigo.

A todos que fizeram parte desta caminhada, minha eterna gratidão. Este trabalho é resultado de muito aprendizado.

RESUMO

Este memorial apresenta uma reflexão autobiográfica sobre a minha trajetória acadêmica e profissional, marcada por uma transição significativa entre os cursos de Direito e Pedagogia. Por meio de uma escrita sensível e crítica, analiso os fatores que influenciaram minhas escolhas profissionais, com destaque para o papel da escola, da família e da sociedade na construção de expectativas em torno de determinadas carreiras. O texto discute como o prestígio social associado a cursos como Direito pode silenciar vocações genuínas, especialmente quando estas se relacionam à docência e ao cuidado. A partir da minha experiência, evidencio como o curso de Pedagogia representou não apenas uma mudança de área, mas um reencontro com meus valores, minha identidade e meu desejo de promover transformação social por meio da educação. Este trabalho, portanto, é um exercício de ressignificação de caminhos e valorização dos saberes pedagógicos.

Palavras-chave: trajetória acadêmica; escolha profissional; Direito; Pedagogia; ressignificação.

ABSTRACT

This memoir presents an autobiographical reflection on my academic and professional journey, marked by a significant transition from Law to Pedagogy. Through a sensitive and critical narrative, I analyze the factors that influenced my professional choices, emphasizing the role of school, family, and society in shaping expectations around certain careers. The text discusses how the social prestige associated with fields like Law can suppress genuine vocations, particularly those related to teaching and care. Drawing from my personal experience, I highlight how enrolling in the Pedagogy program was not just a change in academic path, but a reconnection with my values, identity, and desire to foster social transformation through education. This work is, therefore, an exercise in re-signifying life paths and valuing pedagogical knowledge.

Keywords: academic journey; professional choice; Law; Pedagogy; re-signification.

SUMÁRIO

1. Introdução	8
2. A Influência da Escola na Escolha da Primeira Graduação	9
3. A Influência da Família e da Sociedade na Escolha Profissional	10
4. A Desvalorização da Pedagogia e os Estigmas Sobre os Cursos de Humanas	12
5. Gênero, Poder e Espaços Acadêmicos	15
6. Os Desafios de Voltar a Estudar e a Experiência com o Ensino EAD	18
7. A Prática Profissional e a Aplicação da Pedagogia no Mundo Corporativo	19
8. O Reencontro com a Vocaçāo e a Valorização da Educação	21
9. A Formaçāo Docente e os Saberes Pedagógicos	22
10. O Papel da Pedagogia na Sociedade Contemporânea: Novos Espaços, Novas Práticas	24
11. Caminhos para o Repositionamento e Valorização da Pedagogia	26
12. Considerações Finais	27
13. Referências	29

LISTA DE FIGURAS:

Figura 1 - 10 maiores cursos em número de concluintes.

Figura 2 - Números de Alunos do sexo feminino e masculino - Curso de Pedagogia.

Figura 3 - Números de Alunos do sexo feminino e masculino - Curso de Direito.

1. Introdução

Este memorial tem como objetivo apresentar minha trajetória acadêmica e profissional, marcada por uma transição significativa entre dois campos do saber: do Direito à Pedagogia. Ao narrar essa caminhada, busco refletir sobre os aprendizados adquiridos, os desafios enfrentados e as ressignificações que ocorreram ao longo do percurso, especialmente no que se refere à escolha profissional, às expectativas sociais em torno de determinados cursos e à valorização do conhecimento pedagógico.

Iniciei minha formação superior no curso de Direito pela Universidade de Uberaba em 2011. Durante os anos de estudo, principalmente no estágio obrigatório realizado nos dois últimos períodos, eu comecei a perceber que não me identificava com aquele universo. O ambiente em que fiz estágio, no Fórum de Uberlândia, demonstrou ser um ambiente impositivo, majoritariamente masculino e, por muitas vezes, machista, o que se tornou um fator de desconforto e afastamento da minha parte. Essa experiência me levou a repensar minha trajetória e a buscar um caminho que estivesse mais alinhado aos meus valores e ao meu desejo de transformação social por meio do conhecimento.

Foi então que revisitei um desejo antigo que estava adormecido em mim. Ao entrar no site da UFU em busca de um concurso, me deparei com o vestibular para o curso de Pedagogia à Distância. Por ser à distância, pensei que conseguiria administrar bem as horas de estudo e trabalho, visto que, na época, tinha iniciado um trabalho como Analista de Treinamento em uma empresa de Gestão e Tecnologia. A decisão de prestar a prova representava, ao mesmo tempo, um recomeço e um ato de coragem. Fui aprovada em terceiro lugar no vestibular, e a partir daí iniciei uma nova etapa da minha vida acadêmica, desta vez guiada pela busca por um saber mais sensível, colaborativo e transformador.

Atualmente, ainda atuo na Universidade Corporativa na mesma empresa, como analista de treinamento. Ocupando esse cargo, consigo aplicar diariamente os conhecimentos que adquiri ao longo da graduação em Pedagogia, utilizando metodologias de ensino que favorecem a aprendizagem e a formação contínua dos profissionais que treino.

Este memorial, portanto, é também um exercício de reconhecimento e valorização de uma trajetória que, embora não linear, tem sido profundamente enriquecedora.

2. A Influência da Escola na Escolha da Primeira Graduação

A escolha de um curso superior é, muitas vezes, ofuscada por expectativas que vamos acumulando ao longo da trajetória escolar, e também envolve expectativas de familiares, sociais e institucionais. No meu caso, a decisão por cursar Direito esteve profundamente ligada ao ambiente escolar em que fui formada e às representações construídas em torno das profissões consideradas de "prestígio". Desde os anos finais do ensino fundamental e ao longo do ensino médio, se percebia um incentivo contínuo à busca por carreiras tradicionais, como Medicina, Engenharia e Direito. Essas profissões eram frequentemente apresentadas como sinônimos de sucesso, estabilidade financeira e reconhecimento social. Em nenhum momento da minha vida escolar, fui incentivada a cursar Pedagogia. Pelo contrário: os professores sempre faziam questão de deixar claro as dificuldades e falta de reconhecimento da carreira pedagógica.

A escola, ainda que espaço de conhecimento e desenvolvimento, também reproduz discursos hegemônicos sobre o que é "valioso" na sociedade. Nunca se falava com entusiasmo sobre cursos das áreas de humanas, como História, Filosofia ou Pedagogia. Quando mencionadas, essas carreiras eram associadas a salários baixos, dificuldades no mercado de trabalho e desvalorização profissional. Esse cenário acaba por limitar as possibilidades de escolha dos jovens, que passam a pautar seus sonhos a partir do que é socialmente legitimado, muitas vezes em detrimento de suas verdadeiras vocações.

É importante fazer um paralelo e analisar as escolhas profissionais e acadêmicas dos estudantes, pois acredito que é uma decisão que vai além da simples decisão individual, incorporando a reflexão sobre os processos sociais e culturais que constituem suas trajetórias. Nesse sentido, as contribuições de Pierre Bourdieu (1983) revelam-se fundamentais para problematizar o papel da educação e da escola enquanto instituições que não apenas transmitem saberes, mas também reproduzem e legitimam as desigualdades sociais existentes.

Bourdieu (1983) desafia a visão tradicional da escola como espaço neutro, imparcial e fundamentado em critérios puramente racionais, apontando que as práticas educativas estão imersas em relações de poder e dominação simbólica. Segundo o autor, as ações dos agentes

educacionais; professores, gestores e políticas institucionais, são moldadas por estruturas sociais que condicionam o acesso e o sucesso escolar, privilegiando determinados grupos em detrimento de outros. Assim, a escola funciona como um campo de disputa simbólica onde os saberes valorizados refletem os interesses das classes dominantes.

Neste cenário, o capital cultural, conceito desenvolvido por Bourdieu, explica como os recursos culturais, conhecimentos, hábitos, valores, acumulados e transmitidos pela família ao longo da vida, influenciam diretamente as possibilidades de êxito acadêmico e a construção de trajetórias educativas. A posição social do sujeito, portanto, determina em grande medida sua familiaridade e afinidade com os códigos culturais valorizados pela escola, facilitando ou dificultando sua inserção e permanência no sistema educacional.

Foi nesse contexto que optei pelo curso de Direito. Influenciada pelas falas de professores, colegas e familiares, acreditei que essa escolha me proporcionaria segurança e respeito profissional. No entanto, já nos primeiros períodos, comecei a perceber um certo desconforto com os conteúdos e com a dinâmica das aulas. O distanciamento entre teoria e prática, a competitividade exacerbada e a rigidez dos discursos jurídicos contrastavam com minha forma de ver o mundo. Ainda assim, permaneci no curso, impulsionada mais por uma lógica de “não desistir” do que por identificação.

Essa primeira formação foi importante para que eu reconhecesse o quanto as escolhas podem ser condicionadas por fatores externos e o quanto a escola pode ampliar os horizontes dos estudantes, apresentando múltiplas possibilidades de atuação e valorizando diferentes saberes. Com o tempo, compreendi que não se tratava de uma desistência, mas de um repositionamento: eu precisava encontrar um espaço onde pudesse atuar com sentido, afeto e transformação. E esse espaço seria a Pedagogia.

3. A Influência da Família e da Sociedade na Escolha Profissional

Da mesma maneira como a escola tem o poder de influenciar a escolha de carreira de jovens e adolescentes, a família e sociedade também tem. Essa decisão é profundamente atravessada por expectativas sociais, culturais e familiares, que influenciam, de forma direta ou sutil, os caminhos que escolhemos seguir. No meu caso, essa influência também foi determinante para a escolha inicial pela graduação em Direito.

Desde cedo, fui incentivada a buscar uma “carreira de prestígio”, que representasse status social, estabilidade financeira e reconhecimento. No imaginário coletivo, profissões como Direito, Medicina e Engenharia figuram como sinônimos de sucesso. Esse discurso era reforçado tanto pela minha família quanto pela sociedade em geral, e acabou orientando minhas aspirações acadêmicas, mesmo que, em muitos momentos, eu não me sentisse completamente conectada com essa escolha.

Ao optar pelo curso de Direito, buscava atender a essas expectativas externas, muitas vezes ignorando os sinais internos que apontavam para outros caminhos, mais ligados ao campo da educação, da escuta e do cuidado com o outro. A influência do meio familiar foi especialmente significativa, não por imposição explícita, mas pela reprodução de valores culturais que associam determinadas profissões à ascensão social e outras à precariedade ou à “falta de ambição”.

No contexto da minha trajetória, essa perspectiva permite compreender como a escolha inicial pelo curso de Direito foi influenciada não apenas por interesses pessoais, mas pelas representações sociais internalizadas no ambiente escolar e familiar, que associavam essa profissão a prestígio e segurança. Paralelamente, a desvalorização da Pedagogia reflete uma hierarquização simbólica dos saberes que marginaliza determinadas áreas do conhecimento, condicionada por fatores históricos e sociais. Dessa forma, a teoria de Bourdieu contribui para a análise crítica dos processos que orientam as escolhas acadêmicas, ressaltando a necessidade de ampliar as possibilidades de acesso e valorização das diversas trajetórias formativas, sobretudo aquelas que desafiam os padrões hegemônicos.

Bourdieu (1999) destaca que o habitus, conjunto de disposições duráveis internalizadas pelo sujeito em seu meio social, atua como um filtro que orienta desejos, percepções e decisões, incluindo a escolha profissional. O habitus reflete as condições sociais e culturais nas quais o indivíduo está inserido e tende a reproduzir os esquemas de pensamento e ação de sua classe social. Assim, as escolhas acadêmicas e profissionais são marcadas por uma tensão entre as disposições individuais e as imposições sociais, muitas vezes limitando a liberdade de escolha.

A Pedagogia, por exemplo, era vista, mesmo que silenciosamente, como uma carreira de “segunda escolha”, frequentemente associada a baixos salários, à feminização do trabalho e à pouca valorização profissional. Esse estigma contribuiu para que eu inicialmente descartasse a possibilidade de seguir esse caminho, mesmo nutrindo uma admiração profunda por professores e educadores desde a infância.

Além disso, autores como Guimarães (2007) e Antunes (2018) ressaltam que a influência familiar e social no processo decisório profissional está também relacionada às expectativas de reprodução social e à busca por mobilidade ascendente. Nesse sentido, a família não apenas transmite valores e conhecimentos, mas também exerce um papel fundamental na conformação do capital cultural e social que o indivíduo mobiliza para acessar espaços educacionais e profissionais.

Somente após vivenciar na prática os descompassos entre o que eu era e o que a profissão do Direito exigia, comecei a revisitar meus próprios desejos. A desconstrução desses discursos sociais e familiares não foi simples. Exigiu coragem para reconhecer que o prestígio não garante realização, e que é possível encontrar sentido e propósito em trajetórias consideradas “menos valorizadas” pela sociedade. Escolher a Pedagogia foi, assim, um ato de escuta interna e de enfrentamento das expectativas externas. Um retorno às minhas raízes afetivas e vocacionais, agora com mais consciência e autonomia.

Essa trajetória reforça a importância de políticas educacionais e institucionais que promovam a valorização de todas as áreas do conhecimento, desconstruindo hierarquias simbólicas e ampliando as oportunidades para que os estudantes possam fazer escolhas mais alinhadas com suas vocações reais e possibilidades subjetivas. É fundamental que a escola e a família atuem como espaços de acolhimento e incentivo à diversidade de talentos e projetos de vida, contribuindo para a formação integral e emancipatória do sujeito.

4. A Desvalorização da Pedagogia e os Estigmas Sobre os Cursos de Humanas

Ao decidir prestar o vestibular novamente, agora para o curso de Pedagogia, precisei enfrentar não só meus próprios medos e inseguranças, mas também os olhares questionadores de muitos ao meu redor. A pergunta que mais ouvi foi: “*Você vai largar Direito para fazer*

Pedagogia?”, como se houvesse uma hierarquia natural entre os cursos, onde abandonar um considerado mais “nobre” em favor de outro seria sinônimo de retrocesso.

Essa reação não é individual, mas social. A Pedagogia, assim como outros cursos da área de Humanas, ainda é cercada por estigmas. Muitos a veem como um curso “fácil”, feito majoritariamente por mulheres, com baixa remuneração e pouca projeção profissional. Há um discurso recorrente de que “quem não sabe o que fazer, faz Pedagogia”.

Segundo dados do Censo da Educação Superior, divulgados pelo INEP, a Pedagogia é o curso com o maior número de concluintes no Brasil (2010 a 2023), com mais de 1,7 milhão de formados, seguida por Direito (1,5 milhão) e Administração (1,5 milhão).

Esses números revelam uma contradição importante: mesmo sendo a área com mais egressos, a Pedagogia segue sendo socialmente desvalorizada. Tal fenômeno reforça a tese de que a desvalorização não está relacionada à importância social do curso ou à sua procura, mas sim a fatores simbólicos, como a feminização da profissão e a associação histórica da docência à ideia de vocação ou dom natural, em vez de uma prática profissional complexa e qualificada.

A presença majoritária de mulheres na Pedagogia e o alto número de formandos evidenciam também o quanto a profissão é demandada, especialmente na educação básica, mas, ainda assim, subestimada em termos de reconhecimento e valorização. Como aponta Loureiro (2018), essa desvalorização tem raízes históricas e sociais, que associam o ato de cuidar e ensinar à figura feminina, o que contribui para a manutenção de baixos salários e de prestígio limitado.

10 Maiores Cursos em Número de Concluintes

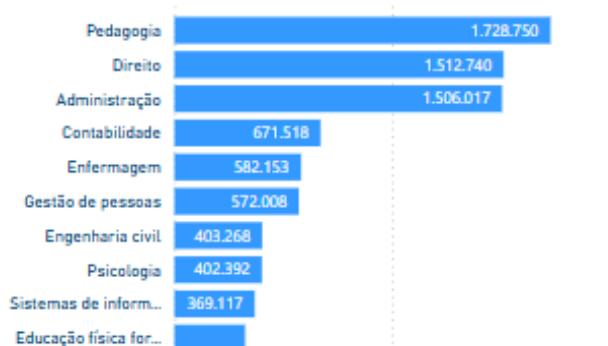


Figura 1 – Os 10 maiores cursos em número de concluintes no Brasil.

Fonte: INEP.

No entanto, a realidade do curso e da profissão é muito diferente dessa visão simplista e preconceituosa. Durante a graduação, fui me dando conta da complexidade da formação docente e o quanto o trabalho do educador exige preparo, sensibilidade e constante atualização. Mais do que isso, percebi o papel fundamental que a Pedagogia tem na construção de uma sociedade mais justa e consciente, pois é na base da educação que se formam cidadãos críticos, capazes de transformar sua realidade.

Ainda assim, a desvalorização da profissão é sentida em níveis diferentes, desde os salários nada atrativos, até a ausência de reconhecimento social. É como se o ato de ensinar, de cuidar e de formar fosse algo natural e instintivo, e não uma prática técnica, científica e afetiva, que exige formação contínua e compromisso.

Esta desvalorização da Pedagogia e, mais amplamente, dos cursos das Ciências Humanas, reflete uma hierarquização simbólica dos saberes que permeia a estrutura social contemporânea (BARDIN, 2012). Essa hierarquia privilegia as áreas consideradas técnicas e “científicas”, como as Engenharias e Ciências Exatas, enquanto as áreas relacionadas ao cuidado, à educação e às ciências sociais são percebidas como menos relevantes, menos “rígidas” e até mesmo “fáceis”.

Tal visão está profundamente conectada à divisão sexual do trabalho e à feminização da profissão pedagógica, que carrega, desde suas origens, um estigma social decorrente da associação do cuidar à figura feminina e, consequentemente, à desvalorização econômica. Essa feminização, apesar de representar uma conquista na inclusão das mulheres no mercado de trabalho formal, também contribui para a precarização da profissão, seja em termos salariais ou de reconhecimento social (SILVA, 2020).

Iniciar o curso de Pedagogia, me fez resgatar dentro de mim um desejo que por muito tempo esteve latente, mas que tinha sido adormecido ao iniciar o curso de Direito. E, com isso, fui também ressignificando minha própria história, deixando de lado a ideia de que havia “desistido” de uma carreira para entender que, na verdade, eu estava escolhendo um caminho mais alinhado com quem eu sou.

O papel do pedagogo vai muito além da simples “transmissão de conteúdos”: trata-se de formar sujeitos críticos, conscientes de seus direitos e deveres, capazes de atuar na construção de uma sociedade democrática e justa (FREIRE, 1996).

Portanto, a escolha pela Pedagogia, longe de representar uma “segunda opção” ou uma desistência, representa uma tomada de posição consciente frente aos estigmas e às expectativas sociais, um resgate do valor do cuidado e da educação como fundamentos para a transformação social

5. Gênero, Poder e Espaços Acadêmicos

Durante minha trajetória na graduação em Direito, foi evidente que os espaços acadêmicos e profissionais estavam sendo majoritariamente tomado por estruturas patriarcais que moldavam a dinâmica de poder e as relações interpessoais. A organização das aulas, a postura de professores, o conteúdo programático e as vivências práticas demonstravam uma cultura marcada pela masculinidade hegemônica, hierarquias rígidas e formas de autoridade baseadas em valores tradicionalmente associados ao masculino.

Mesmo com a presença numérica expressiva de mulheres nas salas de aula, ainda assim existia uma predominância dos homens nos espaços de fala e protagonismo. Era visível o quanto os professores; até mesmo professoras mulheres, valorizavam mais os discursos que vinham de alunos homens. Essa cultura institucional promovia um ambiente competitivo e, por vezes, hostil, especialmente para quem, como eu, trazia uma sensibilidade voltada para a construção coletiva e inclusiva do saber.

No âmbito dos estágios e das práticas profissionais, não foi diferente. A reprodução dos estereótipos de gênero se manifestava com ainda mais força. A figura do “advogado bem-sucedido” era quase sempre masculina, associada a um perfil dominante e autoritário. Mulheres, por mais competentes que fossem, frequentemente enfrentavam subestimação e restrição a papéis secundários ou de suporte. Havia uma expectativa implícita de que as mulheres se adequassem a esse modelo hegemônico, muitas vezes sacrificando elementos fundamentais de sua identidade para conquistar reconhecimento e espaço.

Essa realidade contrastou significativamente com o ambiente encontrado no curso de Pedagogia. Neste campo, o que historicamente tem sido associado ao feminino; o cuidado, a

escuta, a sensibilidade e a construção de vínculos é valorizado como saber profissional. Diferentemente do Direito, a Pedagogia proporciona um espaço de fala e escuta que acolhe a subjetividade, favorece o diálogo e valoriza a colaboração em detrimento da competição.

Entretanto, essa valorização do feminino na Pedagogia não pode ser analisada sem reconhecer suas contradições. Trata-se de uma área profissional ainda marcada por baixos salários e pouco prestígio social, fenômeno que pode ser compreendido a partir da divisão sexual do trabalho e da histórica desvalorização econômica e simbólica dos trabalhos femininos, especialmente aqueles ligados ao cuidado (LOUREIRO, 2018; SILVA, 2020). Paulo Freire (1996) enfatiza que “a educação não é neutra” e que a valorização social das profissões revela as relações de poder, gênero e classe que permeiam o mundo do trabalho.

Como observado no Capítulo 4, Dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) mostraram que o curso de Pedagogia lidera o ranking dos cursos com maior número de concluintes no Brasil, somando mais de 1,7 milhão de formandos entre os anos de 2010 e 2020, à frente de cursos tradicionalmente valorizados, como Direito e Administração. Ainda assim, essa ampla presença não garante reconhecimento social e profissional proporcional.

Quando observamos a distribuição por sexo, nota-se uma forte feminização da Pedagogia: em 2020, por exemplo, mais de 90% dos concluintes eram mulheres. Já no curso de Direito, embora exista maior equilíbrio entre os sexos, ainda se observa uma maior presença masculina em cargos de maior prestígio na área. Esses dados reforçam como a divisão sexual do trabalho ainda estrutura o imaginário sobre determinadas profissões e contribui para a desvalorização simbólica e econômica das áreas associadas ao cuidado e à educação.

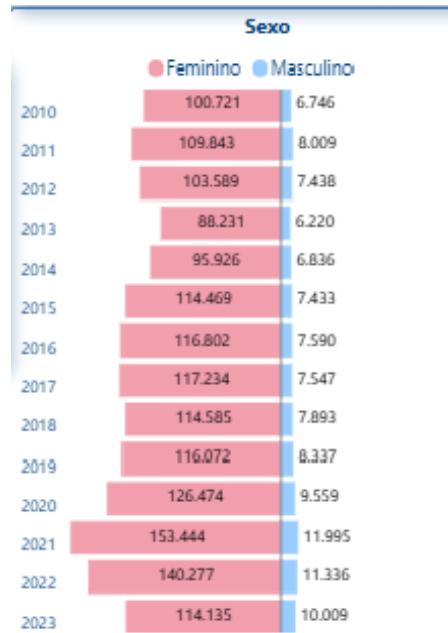


Figura 2 - Números de Alunos do sexo feminino e masculino - Curso de Pedagogia. Fonte: INEP.

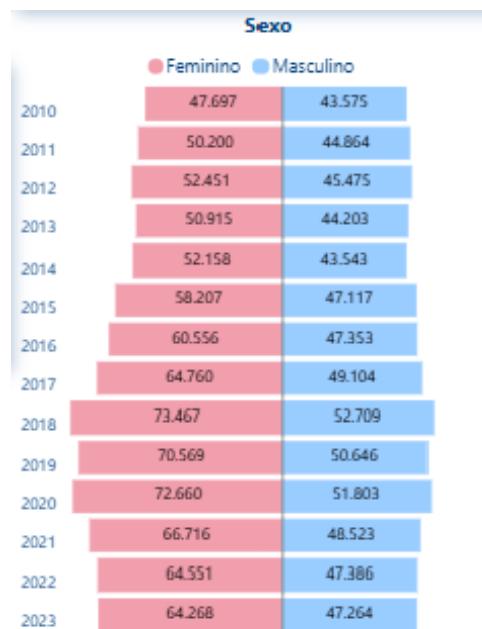


Figura 3 - Números de Alunos do sexo feminino e masculino - Curso de Direito. Fonte: INEP.

Essa vivência entre duas formações tão distintas me proporcionou ter uma compreensão prática das manifestações das relações de gênero nas instituições acadêmicas e no mercado profissional. Enquanto o Direito permanece associado a um ambiente masculinizado e hierárquico, a Pedagogia, embora mais acolhedora e feminina, sofre com o estigma da desvalorização social.

Refletir criticamente sobre essas experiências não apenas fortaleceu minha identidade enquanto mulher e educadora, mas também significou a afirmação de uma postura profissional que se distancia dos modelos impostos pela tradição, assumindo uma perspectiva crítica, consciente e feminista. Essa trajetória representa mais do que uma mudança de curso: é a construção de um lugar de fala e atuação alinhado com meus valores e minha essência.

6. Os Desafios de Voltar a Estudar e a Experiência com o Ensino EAD

Iniciar a cursar Pedagogia depois de já ter cursado uma graduação foi, ao mesmo tempo, um reencontro e um recomeço. Se por um lado, eu já conhecia os hábitos e a rotina acadêmica, por outro, agora eu estava inserida em um contexto totalmente diferente: eu não podia mais me dedicar exclusivamente ao curso e aos estudos como fiz na época em que cursei Direito. Agora, além de estudar, eu também trabalhava, o que dificultava um pouco as entregas do curso no prazo.

A escolha pelo curso de Pedagogia na Universidade Federal de Uberlândia representava não apenas a retomada de um sonho, mas também a adaptação a uma nova realidade. Essa realidade incluiu também, o ensino à distância, algo que, inicialmente, me gerou receio. Tinha conhecimento de outras pessoas que fizeram curso à distância em outras faculdades e sentiram que o curso era impessoal, difícil de obter suporte e com pouca qualidade. Mas o que encontrei na UFU foi totalmente contra meus receios. Durante todo o curso obtive um suporte diferenciado, tanto da minha orientadora, quanto de todos os professores e colegas de turma.

No início, enfrentei dificuldades com a autogestão do tempo. Sem horários fixos de aula, precisei aprender a me organizar sozinha, estabelecer rotinas e me manter motivada mesmo nos dias mais corridos. Com certeza, cursar a faculdade à distância, me fez ser mais responsável comigo mesma, a buscar ativamente o conhecimento e a lidar com as frustrações

típicas de quem está fora de uma sala de aula física, mas ainda assim envolvida com o processo de aprender.

No meio do caminho, uma pandemia veio para fazer o mundo enxergar o ensino de forma diferente. Todos passaram a trabalhar e estudar de forma remota, e o que era diferente, acabou se tornando habitual. A pandemia nos mostrou a importância do ensino remoto e mostrando que essa modalidade não é inferior ao ensino presencial, somente diferente. Para mim, ela foi uma porta de acesso que tornou possível a realização de um sonho que talvez não se concretizasse de outra forma.

O EAD me preparou ainda mais para trabalhar com as tecnologias educacionais, algo que é essencial no meu trabalho atual. Entender metodologias ativas, participar de fóruns e videoconferências, ampliou minha formação como estudante e me preparou para aplicar esses conhecimentos na prática, na formação de outras pessoas.

Essa etapa da minha trajetória foi marcada por muitos desafios, mas também por muitas conquistas. Cada disciplina concluída, cada trabalho entregue era uma confirmação de que eu estava, finalmente, no caminho certo.

7. A Prática Profissional e a Aplicação da Pedagogia no Mundo Corporativo

Quando iniciei minha trajetória na empresa de tecnologia, atuando na Universidade Corporativa da empresa, percebi o quanto minha formação em Pedagogia fazia sentido mesmo fora do ambiente escolar tradicional. No setor corporativo, especialmente em uma empresa de tecnologia que tem como valor, o desenvolvimento contínuo, a Pedagogia ganha espaço e relevância.

Como analista de treinamento, meu papel vai além de repassar conteúdos técnicos. Eu preciso pensar em como as pessoas aprendem, quais metodologias facilitam esse processo, como avaliar se houve de fato aprendizagem e, principalmente, como criar experiências significativas para os colaboradores. Todo esse olhar mais sensível e estruturado vem da minha formação pedagógica. Nesse espaço percebo, diariamente, o quanto os saberes pedagógicos são fundamentais para promover aprendizagens significativas, desenvolver competências profissionais e transformar práticas organizacionais.

As disciplinas da graduação, como Psicologia da Educação, Sociedade, Trabalho e Educação, entre outras, foram fundamentais para que eu compreendesse as diferentes formas de aprendizagem e as estratégias adequadas para cada contexto. Na prática, isso se traduz em treinamentos mais dinâmicos, envolventes e centrados no desenvolvimento real dos participantes, e não apenas na transmissão de informações.

Um exemplo marcante dessa integração entre Pedagogia e mundo corporativo foi quando comecei a aplicar metodologias ativas nos treinamentos. Em vez de conduzir treinamentos de forma expositivas e tradicionais, passei a estruturar dinâmicas que colocavam os participantes como protagonistas do próprio aprendizado, com roleplays, estudos de caso, gamificação, fóruns colaborativos e feedbacks contínuos. A mudança no engajamento e nos resultados foi perceptível e passou a ser adotado por toda a equipe.

Além disso, o conhecimento sobre avaliação educacional me ajudou a construir métricas mais eficazes para mensurar os impactos dos treinamentos, o que é um desafio comum nas áreas de desenvolvimento humano. A pedagogia me trouxe um repertório que vai muito além do conteúdo; ela me ofereceu ferramentas para transformar a aprendizagem em algo estratégico, relevante e alinhado aos objetivos da organização.

É curioso pensar que, no início da graduação, eu ainda tinha dúvidas sobre onde atuaria. Hoje, vejo que a educação está em todos os lugares, e que o papel do pedagogo não se limita à sala de aula convencional. A empresa em que atuo hoje me mostrou que é possível educar dentro das empresas, formar adultos, transformar culturas organizacionais e, principalmente, fazer diferença na vida profissional e pessoal das pessoas. Como destaca Philippe Perrenoud (2000), o educador é também um gestor de aprendizagens, alguém que planeja, acompanha e intervém nos processos educativos com intencionalidade pedagógica.

No contexto da empresa em que atuo, por exemplo, aplico constantemente princípios da didática, da gestão do conhecimento e da psicologia da aprendizagem. Elaboro trilhas de aprendizagem, desenvolvo materiais didáticos, acompanho processos formativos e incentivo práticas reflexivas entre os colaboradores. Percebo que, mesmo em um ambiente voltado à produtividade e aos resultados, há espaço (e necessidade) para uma formação que humanize as relações, potencialize os talentos e promova o desenvolvimento integral dos profissionais.

Essa perspectiva dialoga com a visão de Paulo Freire (1996), que comprehende a educação como um ato político e transformador. Embora o cenário corporativo tenha suas particularidades, ele também é um espaço de construção de subjetividades, onde os processos de formação podem contribuir para que o sujeito se reconheça como agente ativo de sua trajetória profissional e pessoal.

Além disso, autores como Idalberto Chiavenato (2005) e Lilian Soares (2013) abordam a importância da educação corporativa como ferramenta estratégica para a inovação e o crescimento sustentável das empresas. Para eles, investir na formação continuada dos colaboradores não é apenas um diferencial competitivo, mas um compromisso com o desenvolvimento humano e organizacional.

Essa conexão entre teoria e prática reafirma, diariamente, a importância da minha escolha pela Pedagogia. A potência da Pedagogia vai além dos muros escolares. Ser pedagoga em uma universidade corporativa é ressignificar o papel do educador no século XXI: alguém que media saberes, promove aprendizagens, cuida de processos humanos e contribui para a transformação das organizações e das pessoas.

Ao aplicar a Pedagogia nesse contexto, reconheço a força e a versatilidade do campo educacional, muitas vezes subestimado, mas absolutamente essencial para qualquer espaço onde haja relações humanas, trocas de saberes e construção de sentido. A minha trajetória confirma que ser pedagoga não é apenas ensinar; e sim, transformar; seja em uma sala de aula, seja dentro de uma empresa.

8. O Reencontro com a Vocação e a Valorização da Educação

Olhar para a minha trajetória hoje é como revisitar uma estrada repleta de desvios, descobertas e reencontros. Quando iniciei minha formação em Direito, acreditava estar trilhando o caminho certo. A escolha, embora fundamentada em expectativas sociais e no prestígio atribuído ao curso, não representava meus verdadeiros interesses e valores. Foi somente ao vivenciar o dia a dia do estágio, em um ambiente carregado de imposição e pouca escuta, que comprehendi que aquele espaço não era meu.

O vestibular da Universidade Federal de Uberlândia surgiu como uma oportunidade de recomeço. Prestar para Pedagogia foi um ato de coragem e também de autoconhecimento. A

aprovação em 3º lugar não foi apenas um mérito acadêmico, mas a confirmação de que eu estava, enfim, no caminho certo. A cada disciplina cursada, a cada leitura e a cada discussão nos fóruns, fui me reconhecendo como educadora, como mulher e como alguém que deseja, de fato, transformar realidades por meio do conhecimento.

A Pedagogia ampliou minha visão de mundo e me ensinou que educar é um ato político, sensível e profundamente humano. Ao ingressar no ambiente corporativo, pude colocar em prática tudo o que aprendi, adaptando os saberes escolares para o contexto empresarial. O que muitos enxergam como mundos distintos para mim, se complementam. Afinal, o que está em jogo em ambos é a aprendizagem, o desenvolvimento de pessoas e a construção de saberes.

Hoje, reconheço que minha história acadêmica, apesar dos desvios, não foi em vão. O curso de Direito, ainda que não tenha se concretizado como carreira, também contribuiu para minha formação, trazendo um olhar crítico e analítico que aplico até hoje em minha atuação profissional. Mas foi a Pedagogia que me deu voz, propósito e pertencimento.

Este memorial é, portanto, uma celebração do reencontro com minha vocação e uma reafirmação da importância da educação em todas as suas formas e espaços. É também um convite à valorização dos cursos que, muitas vezes, são vistos como “menos importantes” na hierarquia acadêmica. Porque não há saber menor, tampouco profissão menos digna, quando há paixão, competência e desejo de contribuir com o outro.

Concluir a graduação em Pedagogia é, para mim, um ato de resiliência e amor. Um marco de transformação pessoal e profissional que me inspira a continuar aprendendo, ensinando e acreditando no poder da educação como ferramenta de mudança.

9. A Formação Docente e os Saberes Pedagógicos

Ingressar no curso de Pedagogia representou, para mim, mais do que a troca de uma graduação por outra. Foi um processo de reconstrução identitária, no qual fui desconstruindo antigos paradigmas e me abrindo para novos saberes, práticas e formas de compreender o mundo, a educação e a mim mesma.

Logo nos primeiros semestres, percebi que a Pedagogia estava longe da imagem simplificada e desvalorizada que muitas vezes lhe é atribuída. O contato com disciplinas como Fundamentos da Educação, Didática, Psicologia da Educação e Filosofia da Educação trouxe à tona uma nova compreensão sobre o papel do educador: não apenas um transmissor de conteúdo, mas um agente social, formador de sujeitos críticos e conscientes, comprometido com a transformação da realidade.

Foi nesse processo formativo que passei a enxergar a docência como uma prática profundamente ética, política e transformadora. Como afirma Paulo Freire (1996, p. 23), “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. Essa concepção modificou profundamente meu olhar sobre o processo de ensinar e aprender, ressignificando meu papel como educadora.

Ao longo do curso, tive a oportunidade de aprender com professores e professoras que atuavam com paixão, criticidade e afeto, transmitindo não só conteúdos, mas valores e posturas inspiradoras. Suas falas e práticas mostraram que a pedagogia exige sensibilidade, escuta, intencionalidade e um profundo compromisso com a emancipação humana.

A leitura das obras de José Carlos Libâneo também foi essencial nesse percurso. Ao afirmar que “o trabalho pedagógico está diretamente ligado à formação humana e social dos educandos” (Libâneo, 2013, p. 24), ele contribuiu para que eu compreendesse o ensino como uma atividade complexa, articulada a contextos históricos, culturais e sociais. Assim, a docência deixou de ser, para mim, uma ação técnica e passou a ser reconhecida como um ato intelectual e socialmente situado.

Esses saberes, teóricos, metodológicos e humanos, me ajudaram a ressignificar a Pedagogia em minha trajetória. Aprendi que a formação docente não se limita à sala de aula tradicional, mas se expande para diferentes contextos, inclusive o corporativo, onde hoje atuo. A escuta ativa, a mediação de conflitos, a organização de experiências formativas e o planejamento de ações educativas são competências que desenvolvi no curso e que hoje aplico diariamente na minha prática profissional.

Mais do que me ensinar a ser professora, a graduação em Pedagogia me formou como uma profissional da educação comprometida com o sentido do que faz. A partir dela, construí

uma nova identidade: mais alinhada com meus valores, mais consciente do meu papel no mundo e mais segura das escolhas que faço.

10. O Papel da Pedagogia na Sociedade Contemporânea: Novos Espaços, Novas Práticas

Historicamente associada à atuação escolar e à educação de crianças, a Pedagogia vem, nas últimas décadas, assumindo uma posição estratégica na construção de práticas educativas em múltiplos contextos sociais. A sociedade contemporânea, marcada por rápidas transformações tecnológicas, culturais e econômicas, ampliou significativamente o campo de atuação do pedagogo, exigindo uma formação mais crítica, interdisciplinar e adaptável.

Segundo José Carlos Libâneo (2001), o pedagogo é um profissional do campo das ciências da educação e, como tal, deve compreender os processos educativos em sua totalidade; o que inclui, mas não se restringe, ao espaço escolar. Para Libâneo, a atuação pedagógica tem o compromisso de articular teoria e prática, promovendo intervenções que contribuam para a emancipação dos sujeitos em diferentes esferas da vida social.

Nesse sentido, a figura do pedagogo se desloca para além da sala de aula tradicional, encontrando espaço em empresas, Organizações Não Governamentais (ONGs), startups, hospitais, editoras, espaços culturais e mídias digitais. Cada um desses ambientes demanda competências específicas, mas mantém como eixo central a mediação do conhecimento, a formação humana e o desenvolvimento de processos de aprendizagem.

António Nóvoa (1992) destaca que o professor, deve ser concebido como um “intelectual reflexivo”, capaz de analisar criticamente sua prática, de se reinventar e atuar como agente transformador. Essa visão dialoga diretamente com a ideia de que a pedagogia precisa estar presente onde há relações humanas, formação de sujeitos e construção de saberes, o que abrange também os ambientes corporativos, as plataformas digitais e os espaços de educação não formal.

No mundo corporativo, por exemplo, o pedagogo tem contribuído para o desenvolvimento de programas de treinamento, educação corporativa, formação continuada e gestão do conhecimento. Tais atividades vão além da simples transmissão de conteúdo,

envolvendo análise de contextos, metodologias ativas, mediação de conflitos e estratégias para o desenvolvimento integral dos colaboradores.

Dermeval Saviani (2007), ao propor a pedagogia histórico-crítica, afirma que a educação deve estar a serviço da transformação social e da superação das desigualdades. Nesse sentido, a atuação do pedagogo em espaços não escolares também precisa estar comprometida com a promoção da justiça social, a valorização da diversidade e a formação de sujeitos críticos e conscientes.

Já Paulo Freire (1996) reforça a ideia de que todo ato educativo é um ato político. Sua defesa da pedagogia dialógica e libertadora inspira pedagogos a atuarem com ética, escuta e respeito ao outro, independentemente do contexto. Em empresas, por exemplo, essa postura pode significar repensar relações hierárquicas, promover práticas mais inclusivas ou desenvolver ambientes mais humanizados de trabalho.

Além disso, a atuação em startups e ambientes tecnológicos desafia o pedagogo a dominar linguagens digitais, compreender novas formas de aprendizagem e propor metodologias inovadoras. A pedagogia, portanto, se encontra no centro das transformações contemporâneas, justamente por sua capacidade de articular conhecimento, cultura, subjetividade e criticidade.

Esses novos espaços não significam um abandono da escola, mas um reconhecimento de que os processos educativos se expandem por toda a sociedade. Como lembra Freire, “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” — e essa construção pode ocorrer em qualquer lugar onde haja sujeitos dispostos a aprender e a transformar.

Diante disso, é urgente que a formação pedagógica conte com essa pluralidade de possibilidades, preparando profissionais capazes de atuar com sensibilidade, criticidade e competência nos mais diversos cenários sociais. A Pedagogia contemporânea é, assim, um campo em expansão, com enorme potencial de contribuição para um mundo mais justo, democrático e humano.

11. Caminhos para o Repositionamento e Valorização da Pedagogia

A desvalorização histórica da Pedagogia no Brasil não é resultado da falta de relevância da área, mas sim de construções sociais que associam o trabalho educativo ao cuidado, à esfera doméstica e, portanto, ao feminino, que é frequentemente menosprezado na lógica patriarcal do mercado de trabalho. Para transformar essa realidade, é necessário um conjunto de ações articuladas em diferentes níveis: político, institucional, acadêmico e cultural.

Uma das primeiras mudanças essenciais é a valorização salarial e a melhoria das condições de trabalho dos profissionais da educação. Conforme aponta o Plano Nacional de Educação (PNE), aprovado pela Lei nº 13.005/2014, uma das metas centrais para a valorização docente é a equiparação salarial com as demais categorias com formação equivalente. Sem remuneração digna, é difícil atrair e manter talentos na área, além de reforçar o estigma de que a Pedagogia é uma escolha profissional de "segunda linha".

Além disso, é urgente requalificar a imagem social da Pedagogia, mostrando que ser pedagogo vai muito além de "dar aula para crianças". Trata-se de um profissional capaz de atuar em múltiplos espaços: escolas, empresas, hospitais, ONGs, editoras, projetos sociais e, cada vez mais, no meio corporativo, onde competências como gestão de pessoas, mediação de conflitos, formação de equipes e desenvolvimento humano são altamente valorizadas.

Do ponto de vista acadêmico, a formação docente precisa ser revista de forma mais crítica e atualizada, dialogando com os desafios contemporâneos da sociedade digital, da diversidade, da inclusão e da sustentabilidade. Investir em currículos mais interdisciplinares, conectados com as realidades sociais e tecnológicas, pode ampliar o prestígio da profissão e preparar pedagogos mais aptos para lidar com as transformações do século XXI.

Outra mudança fundamental está na valorização simbólica e cultural da profissão. Isso envolve campanhas públicas, políticas de incentivo à formação continuada, premiações de boas práticas educacionais e o fortalecimento da imagem do professor como agente de transformação. Como afirma Saviani (2009), a educação deve ser vista como prática social indispensável à emancipação dos sujeitos e à construção da cidadania plena.

Por fim, é importante fortalecer a produção científica na área da Educação, garantindo espaço e reconhecimento aos saberes pedagógicos dentro da academia. A Pedagogia não é apenas prática, mas também teoria e pesquisa. Incentivar a pesquisa aplicada, o desenvolvimento de novas metodologias e a construção de saberes pedagógicos sólidos é uma estratégia para romper com a ideia de que a educação é "dom natural" e não ciência.

12. Considerações Finais

Ao longo deste memorial, foi possível refletir sobre a minha trajetória acadêmica e profissional, marcada por escolhas significativas e transformadoras. A transição do Direito para a Pedagogia não foi apenas uma mudança de curso, mas uma reinterpretação dos meus valores e da minha visão sobre o papel da educação na sociedade. Compreendi que a educação não é apenas um meio de transmitir conhecimento, mas um instrumento de transformação e de construção de identidades.

A partir dessa reflexão, pude identificar a influência da escola na construção das escolhas profissionais, muitas vezes pautadas por padrões sociais que desvalorizam cursos de áreas como a Pedagogia, que, embora fundamentais, são consideradas menos prestigiadas em comparação com outras carreiras. No entanto, ao me aprofundar na Pedagogia, percebi o quanto essa área é essencial para o desenvolvimento de indivíduos críticos e conscientes, capazes de contribuir para uma sociedade mais justa e igualitária.

Além disso, a experiência de realizar uma segunda graduação foi um processo desafiador, especialmente com a transição do ensino presencial para o ensino a distância. A modalidade EAD exigiu uma adaptação e um desenvolvimento de habilidades como autonomia, disciplina e gestão do tempo, mas também trouxe a flexibilidade e a possibilidade de um aprendizado mais diversificado e autônomo. Essas experiências, somadas ao meu trabalho na Universidade Corporativa da empresa que atuo, me permitiram aplicar e aprimorar metodologias de ensino, contribuindo para a formação de profissionais mais capacitados e comprometidos.

Espero que esta reflexão sobre minha trajetória, a desvalorização de certos cursos e as diferenças no ensino presencial e a distância possam contribuir para a construção de um olhar

mais inclusivo e valorativo sobre a educação, reconhecendo sua importância como um pilar para o desenvolvimento individual e coletivo.

REFERÊNCIAS:

- ANTUNES, Ricardo. Trabalho e formação profissional: a influência dos contextos sociais. São Paulo: Cortez, 2018.
- BARDIN, Sônia Regina de Souza. A importância das Ciências Humanas no ensino superior: desafios e perspectivas. São Paulo: Cortez, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Tradução de Luiz Lauro de Oliveira. São Paulo: Edusp, 1983. (Original publicado em 1970).
- BOURDIEU, Pierre. Esboço da teoria da prática. In: ORTIZ, Renato (Org.). Pierre Bourdieu/Sociologia. Coleção Grandes Cientistas Sociais. Tradução de Paula Monteiro. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. Escritos sobre a educação. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- BRASIL. Plano Nacional de Educação (PNE) 2014-2024. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014.
- CHIAVENATO, Idalberto. Gestão de pessoas: o novo papel dos recursos humanos nas organizações. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 31. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- GUIMARÃES, Reinaldo. Sociologia da educação: sociedade, cultura e escola. São Paulo: Contexto, 2007.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). Censo da Educação Superior 2022: notas estatísticas. Brasília: INEP, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/educacao-superior/censo-da-educacao-superior-2022-e-divulgado-pelo-inep>. Acesso em: 11 jun. 2025.
- LIBÂNEO, José Carlos. Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. 15. ed. São Paulo: Loyola, 2001.
- LIBÂNEO, José Carlos. Didática. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2013.
- LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas. São Paulo: Cortez, 2001.
- LOUREIRO, Maria Luiza. Trabalho, gênero e educação: o magistério como trabalho feminino. 3. ed. Campinas, SP: Papirus, 2018.
- NÓVOA, António. Os professores e a sua formação. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

- PERRENOUD, Philippe. *Dez novas competências para ensinar*. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- SAVIANI, Dermeval. *Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política*. 41. ed. Campinas: Autores Associados, 2007. (Coleção Polêmicas do nosso tempo; v. 1).
- SAVIANI, Dermeval. *História das ideias pedagógicas no Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.
- SILVA, Mariana. *Gênero, trabalho e valorização profissional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2020.
- SOARES, Lilian. *Universidade corporativa: formação e desenvolvimento de pessoas nas organizações*. São Paulo: Atlas, 2013.